

A BIBLIOTECA DA PRAIA URBANA

Aprendíamos a ler na praia como quem decifra um palimpsesto antigo. Havia o dicionário dos ventos — sueste, nordeste, terral — e o glossário dos rastros: o ziguezague da biruta, o sulco tímido do guaiamum, a caligrafia circular das ondas quando a corrente mudava de humor. Um velho pescador, que respondia por Anacleto e por silêncio, apontava com o queixo as frases do estuário. “Aqui a maré escreveu fome, ali escreveu espera, acolá deixou uma dedicatória para quem tiver coragem de voltar amanhã.” E nós, leitores tardios, sublinhávamos com os pés descalços.

Minha mãe, que guardava conchas como quem coleciona marcadores de página, dizia que os mangues eram bibliotecas de raiz aérea, e que as árvores, com seus dedos escuros cravados no lodo, seguravam o chão para que o livro não se desfizesse antes de terminar o capítulo. Eu preferia pensar que eram mãos que pediam: não nos virem à página tão depressa. Mas a pressa é o deus do asfalto, e a cidade, cada vez mais apressada, vinha avançando com sua régua fria, medindo o que podia nivelar. Quando ergueram o primeiro paredão, houve uma tarde em que o oceano pareceu tossir. Anacleto me olhou de soslaio: “Costumam chamar de ressaca. Eu chamo de resposta.”

Na maré baixa, os objetos da semana encalhavam como notas de rodapé de uma vida que mal cabia nela mesma: uma sandália viúva, um isqueiro sem faísca, a garrafa de plástico com um recado que ninguém escreveu; e também cartas antigas, invisíveis, que eu jurava enxergar. Nelas, o século passado agradecia a lembrança, a infância reclamava do esquecimento, e os mortos iam deixando assinaturas de espuma no canto inferior da tarde. Quem não soubesse ler diria que era apenas praia. Quem soubesse demais veria a obra completa do tempo em edição crítica.

A cidade, no entanto, tem por hábito revisar a natureza com lápis vermelho. Em nome de espaços instagramáveis, alinharam coqueiros como vírgulas disciplinadas, varreram as folhas como se fossem erros ortográficos e cercaram o mangue com a gramática do proibido: “Não ultrapasse”, “Não pesque”, “Não estacione memórias”. A criança trocou os caranguejos por carrinhos, e aprendeu a soletrar velocidade. Eu, que nunca me adaptei à ortografia do instante, voltava nos fins de tarde para as margens, a ver se ainda encontrava um parágrafo que resistisse ao manual.

Houve um dia em que reencontrei Anacleto. O tempo o tinha tornado uma nota de rodapé ambulante — curto, comprimido, cheio de remissões. Trazia no bolso uma

bússola sem Norte. “Que é isso?”, perguntei. Ele sorriu: “Um lembrete de que toda direção é uma pergunta.” Sentamo-nos onde o rio fazia um ponto e vírgula antes de dizer mar. Ele me contou do filho que se mudou para longe, da canoa que agora servia de prateleira no quintal, dos amigos que tinham feito acordo com a terra firme. “Há quem deixe de ler porque faltam letras. Eu deixei de ler porque me faltaram páginas”, disse, esfregando a areia nos dedos.

À noite, quando a maré enchia, a cidade virava um livro fechado sobre a mesa. As luzes dos prédios eram sublinhados ansiosos, e o vento, metido a crítico, virava as páginas do céu com certa impaciência. No intervalo, eu ouvia a conversa das coisas: a ponte, com sua retórica de concreto; o farol, que repetia a mesma frase há décadas; os barcos, esses sim, poetas de poucas palavras, rimando ida com volta por pura teimosia. E, no fundo, um rumor de tipografia: água imprimindo o mundo, letra a letra, grão a grão.

Com o tempo, entendi que todos nós, de algum modo, somos bibliotecários daquilo que nos ultrapassa. Um guarda as promessas que fez, outro arquiva os risos que não cabem nas fotografias, outro cataloga derrotas como quem organiza atlas. Eu fiquei encarregado das margens: anotar o que o livro não diz e, ainda assim, insiste em significar. Nessa tarefa, aprendi uma ética do litoral: não nos pertence o que não conseguimos carregar molhado. Restam-nos, então, pequenas técnicas de cuidado — lavar as mãos antes de tocar o passado, não arrancar as folhas vivas, devolver o que o acaso nos empresta.

Certa manhã, depois de uma noite de chuva, a maré abriu-se como prólogo luminoso. Pelo espelho largo do baixo, vi o rosto da cidade: um mosaico de escolhas, remendos, pressões e esquecimentos. As raízes do mangue pareciam partitura. Um garoto, brinquedo na mão, hesitou entre salvar a nave espacial de plástico ou observar a aranha-d’água coreografando círculos. Optou pela coreografia. Me vi nele, leitor iniciante de coisas sem legenda. Sorri. Foi quando percebi que toda crônica é isso: um menino que demora o olhar para deixar que a frase se escreva sozinha.

Voltei para casa com algas nos tornozelos e a ideia fixa de que as cidades deveriam ter marés internas, períodos programados de recuo: o comércio recuaria, os gritos recuariam, o “tenho pressa” recuaria, para que emergissem as poças onde dorme o que nos funda — esse bailado silencioso de memórias, perdas e presenças. Durante essas marés, abriríamos as páginas não de papel, mas de tempo: o prato herdado da avó, a camiseta do jogo decisivo, uma carta que afinal nunca foi enviada. Leríamos devagar, com a paciência dos que entendem que o sentido, como os siris, caminha de lado.

Na semana seguinte, Anacleto não apareceu. Alguém disse que tinha viajado para dentro. Fiquei ali, com a bússola que ele me deixara, pensando nas direções que a

água conhece. A maré subiu, engoliu delicadamente as frases do areal, apagou as certezas do dia anterior com a ternura implacável dos bons revisores. Não houve tragédia. Houve edição.

Talvez por isso eu volte sempre — porque cada retorno é uma nova tiragem da mesma história; muda a luz, mudam os erros, muda a vontade de acertar. E, quando a tarde entorna seu verniz âmbar sobre o mangue, quando os caranguejos saem como vírgulas tímidas, quando o vento folheia o estuário com dedos atentos, eu escuto o rumor distante do prelo. É o mundo, outra vez, compondo a primeira linha. E eu, leitor reincidente, de pé na margem, pronto para virar a página.